

O PAPEL DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA EM SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Leticia do Carmo dos Santos
Graduanda em Pedagogia pelo UNIPTAN
Leticialet2202@outlook.com*

Resumo

Este estudo tem como objetivo abordar sobre a dislexia, suas causas, características e diagnóstico, além de ressaltar o papel que o professor representa na questão da identificação desse transtorno em sala de aula e a importância de uma coerente atuação deste sobre o problema. Sendo a dislexia uma dificuldade de aprendizagem relacionada à escrita, leitura e/ou soletração (muitas vezes confundida com falta de interesse, desatenção ou preguiça) apreende-se que sua identificação, quanto mais cedo for realizada, melhor será para obter maiores oportunidades no sentido de minimizar as dificuldades apresentadas pelos educandos.

Para embasamento da pesquisa, foi utilizado um referencial teórico embasado em autores que abordam sobre o tema de forma clara e facilmente comprehensível, o que facilita o entendimento acerca do mesmo. Importante ressaltar, neste contexto, que o bom relacionamento entre professor e aluno é elemento fundamental para que haja um equilíbrio no processo de aprendizagem do aluno com dislexia.

Palavras-chave: Dislexia, distúrbio, professor, ensino-aprendizagem, intervenções.

Introdução

Muito se vem discutindo sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos discentes, especialmente na fase inicial de sua alfabetização, no que se refere à leitura e à escrita, tendo essa questão, a partir do século XIX, sido colocada em pauta por vários estudiosos, médicos e também oftalmologistas.

Dentre os tipos de distúrbio de aprendizagem, encontra-se a dislexia, que se caracteriza como sendo uma síndrome estudada no âmbito da Dislexilogia, um dos ramos da Psicologia Educacional. Manifesta-se como um transtorno genético e hereditário da linguagem, sendo sua causa uma alteração cromossônica hereditária, o que explica a sua ocorrência em pessoas da mesma família. É de ordem neurobiológica e se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico. Sendo assim, entende-se que a dislexia compromete a capacidade do indivíduo em ler e escrever com correção e fluência, assim como dificulta ao mesmo a compreensão de um texto.

Apesar disso, o impacto da deficiência pode ser minimizado e, em alguns casos, a condição pode ser corrigida ou compensada através da educação e, neste ponto, se mostra a

importância da atuação coerente do professor na identificação do transtorno, o que favorecerá a tomada de atitudes mais efetivas.

O professor, portanto, tem um papel de significativa importância durante todo o processo de letramento dos disléxicos, sendo fundamental sua capacitação e algumas mudanças na maneira de ministrar as aulas. Este profissional tem, entre tantas outras funções, o dever de despertar no aluno disléxico o interesse em aprender. O docente, na buscar pela realização de um trabalho mais amplo, poderá estabelecer parceria com a família, que pode estimular seu filho em casa através de leituras, jogos, pinturas e a prática de esportes.

É interessante destacar que, embora muito se fale sobre a dislexia, esse transtorno ainda é pouco conhecido e, muitas das vezes, é entendido de forma equivocada, prejudicando a tomada de atitudes para se resolver o problema.

Diante de tal constatação, a dislexia se tornou nos últimos anos um assunto muito pesquisado no campo educacional e professores buscam cada vez mais se informar, pois a falta de informação impossibilita o docente de lidar com este transtorno no contexto escolar. Por isso, há a necessidade de o professor buscar perceber e entender quais características a criança disléxica apresenta.

Ciente das dificuldades de seu aluno, o professor tem maiores condições de escolher as melhores intervenções a serem aplicadas, valendo, neste contexto, ressaltar a importância de que todos devem trabalhar juntos: pais, professores e demais profissionais: os pais servindo de exemplo e sendo incentivadores, os professores ajudando a criança nas conquistas e descobertas e os demais profissionais buscando garantir condições de aprendizagem e desenvolvimento contínuas.

A necessidade de tal estudo se justifica pelo fato de que muitas das vezes, essas dificuldades apresentadas pelo aluno interferem de modo direto na sua aprendizagem e, consequentemente, no seu desenvolvimento cognitivo.

Este artigo foi realizado através da pesquisa bibliográfica, supondo assim, um contato mais íntimo entre a pesquisadora e o material que foi lido e estudado. Com o intuito de compreender melhor a dislexia, suas características e o papel do professor para lidar da melhor maneira com alunos disléxicos, foram apresentados fatores que comprovam a eficácia das intervenções deste profissional para oferecer um ensino de qualidade, tendo sido incansável a realização da pesquisa com o objetivo de alcançar esse propósito.

Metodologia

Com o intuito de compreender melhor a dislexia, suas características e o papel do professor para lidar da melhor maneira com alunos disléxicos, foram apresentados fatores que comprovam a eficácia das intervenções deste profissional para oferecer um ensino de qualidade, incansável foi à pesquisa com o objetivo de alcançar esse propósito.

A aluna tem a visão de que a educação é capaz de transformar e unir as diferenças, desta forma, concretizou em sua mente a ideia inicial de seu trabalho de conclusão de curso.

Através da Pedagogia, acredita que pode mudar as coisas para melhor e pensando assim, optou por tratar do assunto da inclusão escolar, por crer que a mesma é importante para o avanço educacional.

Este artigo foi realizado através da pesquisa bibliográfica, supondo assim, um contato mais íntimo entre a pesquisadora e o material que foi lido e estudado. Foram separados e lidos de maneira analítica diversos materiais, como livros, artigos, sites e demais documentos, após a leitura, foram selecionadas aquelas que pareciam ser a melhor escolha para compor este estudo, auxiliando assim, na fundamentação teórica.

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação.” Além disso, esse estudo também pode ser considerado como exploratório, uma vez que se destinou a realizar um levantamento bibliográfico.

Pesquisa exploratória: é o inicio de todo trabalho científico. De uma maneira geral, tal pesquisa busca ampliar o número de informações sobre determinado ponto que se quer investigar. Além disto, a investigação exploratória, que pode ser basicamente ilustrada através da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso, uma vez em curso, colabora bastante na delimitação, no aprimoramento do assunto de pesquisa, seja trabalhando a definição dos objetos, seja formulando e reformulando a questão de estudo, seja trazendo novos dados que podem ampliar nossa percepção sobre o assunto em pauta. (BASTOS, 2009, p. 75-76)

A abordagem aplicada é a qualitativa, pois a autora foi responsável por fazer a análise dos dados coletados, buscando conceitos, significados e relações, o critério utilizado para identificar os resultados não é feito por meio de numeração, mas por meio de valores e desta forma foi feito todo este estudo.

Um dos métodos científico aqui utilizado foi o dedutivo, que tem a “racionalidade como a única forma de chegar ao conhecimento verdadeiro, o método dialético; que é empregado em

uma pesquisa qualitativa, considerando que os fatos estão relacionados a um contexto social”. (ALMEIDA, 2017, p.1)

Para complementar o trabalho, foi realizada também uma entrevista qualitativa, por meio da coleta de dados foi possível compreender melhor a realidade de uma profissional da educação, o quanto ela conhece a respeito da dislexia e a importância da prática para entender de maneira completa as características e as dificuldades em se trabalhar com um aluno disléxico na escola regular.

Dante dos objetivos apresentados ao longo deste estudo, é possível acreditar que os mesmos foram alcançados, uma vez que visavam abordar melhor o tema dislexia, aprofundando o conhecimento sobre a mesma e encontrando soluções para que o aluno disléxico se sinta compreendido e não excluído diante de suas dificuldades.

Introdução à dislexia, suas causas e características

A dislexia é um transtorno no qual o modo de processar a leitura é realizado pelo disléxico de forma diferente da maioria das pessoas. Aparentemente, a inteligência e a criatividade artística não sofrem efeitos negativos em virtude deste transtorno.

Etimologicamente, dislexia deriva dos conceitos “dis” (desvio) e “lexia” (leitura, reconhecimento das palavras). Sendo assim, vejamos como a AID conceitua a dislexia:

É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um déficit não componente fonológico da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzido que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.” (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DISLEXIA, 2003, citado por Teles, 2009).

Importante se destacar que os sintomas da dislexia variam de acordo com os diferentes graus do transtorno. No entanto, é possível perceber que, de um modo geral, a pessoa apresenta dificuldade para decodificar as letras do alfabeto e tudo o que se encontra relacionado à leitura.

Os disléxicos mais comuns no âmbito escolar são aqueles que, sem consciência fonológica, apresentam dificuldade de fazer o reconhecimento da palavra escrita, ou seja, não conseguem transformar as letras em sons da fala (fonemas da língua como vogais, semivogais e consoantes).

Vicente (2003, p.08) diz que:

Embora seja um problema cada vez mais freqüente dentro do contexto do processo de ensino-aprendizagem, a dislexia, em si, ainda parece ser causa ignorada de evasão escolar em nosso país, além de ser uma das causas do chamado "analfabetismo funcional" que, por permanecer envolta no desconhecimento, na desinformação ou na informação imprecisa, não é considerada como desencadeante de insucessos no aprendizado.

Isso demonstra que, mesmo a dislexia sendo um problema cujo percentual tem aumentado de forma significativa no contexto educacional, percebe-se que, em diversas instituições de ensino (em sua grande maioria) ainda não há uma consciência real desse fato, o que dificulta um trabalho mais efetivo com o transtorno propriamente dito.

Segundo Fonseca (1999), a dislexia trata-se de uma “dificuldade duradoura” que surge em “crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente”.

Tenório, Pinheiro (2018) ressalta que o disléxico apresenta os seguintes sinais: leitura lenta, falhas na escrita ortográfica, confundem e substituem letras, silabas ou palavras, não conseguem associar letras e sons, fala prejudicada, leitura lenta, problema de localização esquerda e direita.

Embora erroneamente muitos possam pensar, Carreira esclarece que

A dislexia não é considerada uma doença e seus sintomas podem ser identificados já na educação infantil. Disléxicos apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos lingüísticos relativos à leitura, não estando relacionados a distúrbios visuais e auditivos, ou ainda a problemas psicológicos ou socioculturais. A dificuldade central apresentada pelo disléxico está em associar o símbolo gráfico as letras, e estas ao som que representam, e também de organizá-las mentalmente numa seqüência temporal (CARREIRA, 2016, p.14)

Alguns fatores são apresentados como causa da dislexia. Segundo Spinelli (1979) *apud* Rubino (2008) certos autores indicam a presença de uma alteração neurobiológica que afeta o desenvolvimento do disléxico, já outros acreditam que a origem do distúrbio possa ser genética ou neurológica. Segundo alguns autores, a dislexia:

O fato da dislexia não apresentar uma única causa acaba dificultando seu diagnóstico, geralmente ela só é detectada com a entrada da criança no primeiro ciclo, nesta fase alguns sinais ficam evidentes, principalmente quando a criança realiza atividades relacionadas à escrita e a leitura.

Enquanto as causas específicas deste e de outros distúrbios de aprendizagem não forem descobertas, não será possível a criação de estratégias definitivas de prevenção. Apesar disso,

o impacto da deficiência pode ser minimizado e, em alguns casos, a condição pode ser corrigida ou compensada através da educação.

A dislexia pode ser observada desde a educação infantil, através de sinais como: fala tardia, dificuldade para apresentar alguns fonemas, demora para incorporar palavras novas ao vocabulário, dificuldades para rimas, para aprender cores ou formas, dentre outros. Existem diferentes tipos de dislexia que podem afetar as pessoas de diferentes formas. De acordo com Lima et al. (2011) os tipos mais comuns de dislexia são: dislexia visual, que apresenta dificuldades no processamento visual e disfunção no lobo occipital; dislexia auditiva, que apresenta dificuldade na leitura oral de palavras e possível disfunção no lobo temporal e a dislexia mista, que é a junção dos dois tipos de dislexia, sendo associada a disfunção pré-frontal, occipital e temporal.

A dislexia visual é a que tem sido mais estudada, esta valoriza a função de discriminação visual própria às características das letras: tamanho, forma, linhas retas ou curvas, ângulos, orientação vertical ou horizontal, entre outras. Se as letras não são reconhecidas como letras, existe um caso de dislexia visual. O problema é caracterizado pela discriminação que afeta a codificação visual dos optemas e a formação das palavras, prejudicando desta forma a simbolização. “Da identificação das letras (aspecto visual) à síntese das silabas, aspecto também auditivo, e destas às palavras, podem passar-se diferentes problemas de reconhecimento visual, e são estes os mais afetados na dislexia visual.” (CONQUISTA, 2018, p.68).

A dislexia auditiva é caracterizada pela “dificuldade em distinguir semelhanças e diferenças entre sons acusticamente próximos, em perceber sons no meio das palavras, em análise-síntese, memória e sequências auditivas” (LIMA, 2017).

Também podem ser apresentadas falhas na memorização de padrões de sons, seqüências, palavras compostas, instruções e histórias, pois as palavras visualizadas pela criança, dificilmente são decodificadas, o que ocasiona esta falta de recordação. A facilidade em adquirir as características auditivas de uma palavra; chamada de consciencialização fonética é um processo básico de informação a que deve dar-se mais atenção.

Na dislexia mista há a combinação dos dois tipos de dislexia citados anteriormente, constituindo uma situação mais grave. Esta é “caracterizada por leitores que apresentam problemas dos dois subtipos disfonéticos e diseidéticos, sendo associadas as disfunções dos lóbulos pré-frontal, frontal, occipital e temporal”. (CIASCA, 2000 *apud* CIASCA, 2003).

Segundo as literaturas consultadas, não se conhece uma “cura” para dislexia, e esta, além de se apresentar de diferentes tipos, também pode se desenvolver com o tempo; pessoas

perfeitamente alfabetizadas podem passar a enfrentar alguma dificuldade de leitura em virtude de uma lesão cerebral.

Existem tarefas neurológicas específicas relacionadas à leitura no nosso cérebro, o qual talvez não tenha sido “desenvolvido” para acomodar a escrita elaborada mais recentemente, mas que atenda à demanda com qualidade magnífica, ainda que imperfeita algumas vezes. (FISCHER, 2006, p.304)

As dificuldades de aprendizagem estão intimamente relacionadas à história prévia de atraso na aquisição da linguagem. As dificuldades de linguagem referem-se a alterações no processo do desenvolvimento da expressão e recepção verbal e/ou escrita. “Os transtornos de leitura e escrita tem uma alta prevalência, entre 7% a 10% das crianças em idade escolar, que, nos países em desenvolvimento, contribui significativamente para o fracasso e evasão escolar.” (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2017, s. p.)

Por isso, a necessidade de identificação precoce dessas alterações no curso normal do desenvolvimento evita posteriores consequências educacionais e sociais desfavoráveis.

2 Dificuldades específicas no trabalho realizado com o disléxico

Algumas dificuldades específicas se apresentam na realização do trabalho a ser realizado com o aluno disléxico.

Braggio (2009, p.12) destaca algumas delas:

- A inexistência de um método, cartilha ou receita para trabalhar com os disléxicos, o que acaba por exigir maior disponibilidade e tempo para troca de informações sobre os alunos, bem como para o planejamento de atividades e a elaboração de instrumentais de avaliação específicos;
- Por parte dos professores se apresenta uma relutância inicial (ou dificuldade, mesmo) em separar o “comportamento” do aluno disléxico das “dificuldades” que o mesmo apresenta;
- O receio do professor em relação às normas burocráticas, aos companheiros de trabalho, aos colegas do aluno disléxico, familiares, etc.;
- A angústia do professor em relação ao nível de aprendizado do aluno e às suas condições para enfrentar o vestibular

3 A importância do professor no trabalho com o aluno disléxico

Outro ponto que deve se levar em conta é a necessidade de que o professor que trabalha com alunos disléxicos tenha uma clara noção do que seja esse transtorno e saiba como fazer essa interação entre o aluno e o ambiente escolar, melhor dizendo, entre o aluno e a aprendizagem de fato.

Detectar os sinais da dislexia pode ser difícil, por isso o professor tem papel importante para ajudar na detecção dos sintomas, pois está em contato todos os dias com o aluno, podendo observar as dificuldades apresentadas pelo discente e repassar um parecer aos profissionais como: psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo que, após análise, chegarão a um diagnóstico.

Os professores precisam reconhecer que não são conhecidas as causas dos distúrbios de aprendizagem; sendo assim, não devem fazer suposições sobre seus alunos. [...] Usar termos como suposta lesão cerebral e hipóteses de disfunção no sistema nervoso central pode conduzir a uma conclusão que dificilmente será provada e que talvez seja um engano. Empregar termos que envolvem lesão cerebral (como dislexia), em vez de termos como distúrbios de leitura, pode dar a impressão de que nada pode ser feito em relação a ela, o que pode levar os pais, os educadores e o indivíduo a desistir de corrigir as dificuldades educacionais identificadas. (SMITH, 2008, p. 117)

Segundo Campos et al. (2012), o professor assume papel importante durante todo processo de letramento dos disléxicos, sendo fundamental sua capacitação e algumas mudanças na maneira de ministrar as aulas.

Após o primeiro momento de detectar o distúrbio, é hora de agir em conjunto com a escola e a família. Apesar da dislexia não ter cura, é possível levar uma vida normal, alguns profissionais podem auxiliar no tratamento do disléxico. O fonoaudiólogo pode ajudar a superar as dificuldades com as palavras e o psicólogo realiza um trabalho para evitar possíveis crises de auto-estima.

O professor e a família também apresentam função importante no tratamento da dislexia. Cabe ao professor despertar no aluno disléxico o interesse em aprender, o docente poderá estabelecer parceria com a família, que pode estimular seu filho em casa através de leituras, jogos, pinturas e a prática de esportes.

A escola deve incluir naturalmente o aluno disléxico nas atividades em grupo, sempre atento às suas dificuldades, os professores poderão explorar outras áreas com esses alunos, já que eles podem desenvolver habilidades em outras áreas como: música, artes, teatro, desenho, entre outros que envolvam a criatividade. Corroborando com Richart e Bozzo:

A dislexia não é uma dificuldade que o aluno apresenta e que pode ser sanada com atividades específicas para o desenvolvimento ou melhoramento da escrita e principalmente da leitura, o que são realizadas são intervenções para assim amenizar

suas dificuldades e desenvolver meios para contornar obstáculos que surgem no período escolar e por toda vida. (RICHART, BOZZO, 2009, p.10)

Sendo assim, o professor deve utilizar o método de ensino multissensorial, desta maneira são explorados e estimulados vários sentidos dos alunos.

4.Os efeitos das intervenções realizadas pelos professores

O estudo da dislexia é pouco disseminado na formação dos professores de uma maneira geral. Sendo assim, a capacitação e o relacionamento entre professor e aluno são elementos pedagógicos considerados de grande importância para o processo de ensino aprendizagem do aluno com dislexia. Segundo Diascânia apud Nóvoa:

A formação não se constrói por acumulação (de recursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. [...]. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. (DIASCÂNIO et al., 2019 , s.papud NÓVOA, 1995, p.25)

Geralmente, quem percebe a dislexia na criança primeiramente é o professor, que, por meio de atividades pedagógicas rotineiras, observa que algo não está bem. A partir de então, a escola orienta os pais ou responsáveis a procurar um especialista na área para um diagnóstico e um tratamento adequado.

Para a definição das estratégias e intervenções a serem realizadas pelo professor, é preciso que seja realizado o devido diagnóstico e avaliação da dislexia, a partir dos dados o professor escolhe o melhor encaminhamento em atividades que priorizem a leitura e a escrita.

Embora, anteriormente, de acordo com Massi (2007), o diagnóstico deve ser feito a partir dos 8 anos de idade, durante a pesquisa bibliográfica, foi possível encontrar uma autora (CONQUISTA, 2018) que acredita que o diagnóstico pode ser feito antes desta idade e, portanto, existem, algumas intervenções que devem ser feitas com crianças que ainda se encontram na educação infantil.

Buscar o desenvolvimento pleno do aluno; Estimulação linguística global; Reforço positivo; Experiências e brincadeiras corporais: trabalho com lateralidade/motricidade e relaxamento global; Estratégias lúdicas e estruturação espacial; Estruturação rítmica temporal dos movimentos diversos como: Cruzar direita e esquerda e conscientizar essa relação no outro; Trabalhar com espelho e trabalhar com partes do corpo. (CONQUISTA, 2018, p.47)

Tais intervenções são de grande importância, uma vez que permitem observar e analisar da melhor forma o aluno, permitindo compreender qual é a real dificuldade desta criança, caso seja constatada a dislexia, tal dificuldade deve ser tratada também por profissionais especializados (médico, fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo) ao mesmo tempo, assim, isto irá auxiliar o professor para desenvolver as atividades adequadas e será melhor, principalmente, para a vida deste aluno, pois sua subjetividade será respeitada.

Algumas das ações que podem ser feitas pelos profissionais que lidam com alunos do ensino fundamental/médio:

Mostre ao educando que você conhece o problema; Solicite que ele se sente próximo ao professor; Certifique-se de que houve a compreensão da ordem dada; Reforce progressos; Não apresse; Permita o uso de dicionários/calculadoras; Não escreva por cima da escrita do aluno; Auxilie com esquemas de síntese de conteúdo; Selecione um parceiro para ajudar; Sublinhe a parte mais importante do texto; Utilize métodos de ensino multissensoriais; Ofereça a possibilidade de gravar as aulas expositivas, para que haja a opção de ouvir em casa. [...] (CONQUISTA, 2018, p. 48-49)

Independentemente da intervenção a ser aplicada, vale ressaltar a importância de que todos devem trabalhar juntos: pais, professores e demais profissionais. Os pais servem de exemplo e são incentivadores, não devem repreender a criança, os professores ajudam a criança nas conquistas edescobertas, identificam e ajudam nas dificuldades de aprendizagem existentes; já os profissionais auxiliam a desenvolver a conexão entre sons, letras e palavras e realizam trabalhos manuais com escultura, argila e pintura com a finalidade de melhorar a coordenação motora fina. Segundo Menezes:

Os aspectos emocionais e cognitivos de um disléxico estão sempre entrelaçados. Os pais podem ser grandes aliados dos filhos quando ajudam o filho a dar o melhor de si, sem ficarem se comparando a outras pessoas. É importante mostrar a ele que todas as pessoas têm facilidades para algumas coisas e dificuldades em outras. (MENEZES, 2007, p. 51).

Quando o professor, juntamente com a escola toma iniciativas que constroem metodologias em benefício do aluno com dislexia, ajudam para que este aluno supere as barreiras por meio de estratégias eficazes e assim, ele se sente em sintonia com a instituição escolar, não afetando seu comprometimento intelectual.

Para um melhor desempenho do aluno, o professor não pode, nem deve diferenciá-lo dos outros, precisa ter paciência, evitando palavras que destaque às dificuldades do aluno. Para auxiliar podem ser utilizados jogos, brincadeiras e problemas matemáticos e um reforço

focando casos concretos relacionados com a realidade vivenciada pela criança. Por isso é muito importante que o professor conheça a história de vida dos seus alunos, suas condições sociológicas, psicológicas e culturais.

O psicopedagogo é alguém indispensável quando o aluno apresenta dificuldades, pois ajudam na auto-estima, valorizando as atividades realizadas pela criança, identificando desta forma os instrumentos que auxiliarão no aprendizado.

5. Análise de dados

De acordo com a entrevista realizada foi possível perceber que a professora entrevistada comprehende que adislexia é considerada como um transtorno específico de aprendizagem e que tem origem neurobiológica, que tem como característica a dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. E que tais dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Quanto ao fato de ter conhecimento antes mesmo de trabalhar com um aluno disléxico ela relatou que conhecia, por ter feito especialização em Educação Especial e trabalhou por alguns anos na APAE, mas ressaltar que só é possível entender melhor um aluno com Dislexia quando se vive a experiência de conviver com um.

Ela afirmou que o aluno com o qual ela tem contato que no período da alfabetização mostra-se disperso, pouca atenção, tem dificuldades de aprender rimas e canções, não tem interesse por livros impressos, nem jogo de quebra-cabeça, é desorganizado, tem dificuldade em copiar da lousa e escrever no caderno. Vale ressaltar que essas são particularidades do aluno com o qual ela convive, cada aluno tem suas particularidades.

Ela encontrou muitas dificuldades para trabalhar com esse alunoe afirmou que as mesmas variam de aluno para aluno, mas ressaltou que nesse momento a parceria escola e família são fundamentais para uma aprendizagem favorável. Cria diversas estratégias para auxiliar o aluno, como atendimento individual e específico, apoio na leitura e interpretação, utilização de fontes maiores em suas atividades, entre outras.

Quanto a inclusão, ela acredita que a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Os conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia abandonam à escola, os que conseguem resistir a ela e terminar os estudos o fazem, astuciosa e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças

dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas. Sendo assim, o professor deve cuidar da autoestima desse aluno, valorizando o máximo suas habilidades devem estruturar sua maneira de ensinar e principalmente avaliar.

O conhecimento teórico é importante, pois permite conhecer o distúrbio de uma forma geral, auxilia o profissional para que possa elaborar estratégias de trabalho que irão auxiliar o aluno, mas também é fundamental a prática, conhecer e trabalhar diretamente com um aluno disléxico, pois apesar do conhecimento, existem as particularidades do aluno, ele é um indivíduo, e desta forma tem suas particularidades, habilidades e necessidades, que só poderão ser compreendidas se forem de conhecimento do professor, que além de educador, é o elo entre a escola e a família.

Considerações finais

Através das leituras realizadas e da confecção deste trabalho foi possível perceber que para que a educação seja efetivamente para todos precisa valorizar a heterogeneidade, enriquecendo as relações e interações, fazendo com que o educando desperte o desejo de se comprometer e aprender, passando a escola há ser um espaço onde prevalece o respeito as diferenças.

É na escola, através do professor, que a dislexia, de fato, aparece. Os disléxicos também possuem suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles pode ser comparado à escola, pois é neste local que a leitura, a interpretação de diferentes tipos de texto e a escrita são utilizadas constantemente e, sobretudo, valorizadas. Entretanto, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico.

A entrevista realizada com uma professora permitiu compreender a importância de conhecer a dislexia não apenas na teoria, mas também na prática, cada aluno é um ser individual e isso deve ser respeitado, ele tem suas subjetividades, suas dificuldades e facilidades, e só é possível compreender tudo isso conhecendo o mesmo pessoalmente, assim é possível aplicar tudo que é estudado e ainda tentar outras maneiras de auxiliar o aluno, de acordo com suas necessidades.

Ainda há a necessidade de melhorias na educação, que desperte nos professores a esperança de um sistema educacional de qualidade, onde os desafios, as dificuldades e obstáculos possam ser superados, pois é perceptível que a educação tem avançado bastante ao longo dos anos, mas ainda há muito a ser feito.

Ainda que a dislexia não seja considerada uma doença, mas sim um distúrbio caracterizado pela dificuldade na escrita, leitura e soletração, isso não limita o direito do aluno em alcançar uma educação preparada e de qualidade para atender sua dificuldade e ajudá-lo no processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, este assunto ainda necessita de muita pesquisa para buscar mais informações quanto à melhor maneira de minimizar as dificuldades que os alunos disléxicos possuem em sala de aula.

O professor precisa reconhecer seu papel dentro da sala de aula e mais que isso, deve acreditar na sua capacidade de discernir o alcance de sua importância na vida de uma criança com dislexia. O professor é um agente transformador de vidas, ele pode fazer mudanças através da estimulação ou desestimulando alguém, e embora isto pareça um pesado fardo a ser carregado é também passível de grande recompensa (ainda que pouco palpável) quando observa-se que adultos capazes e éticos foram frutos de um esforço conjunto que reúne família, professor e escola, onde a sociedade só tem a ganhar com a gradativa inclusão das diferenças.

Referências

ALLIEND, G. Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura:** teoria, avaliação e desenvolvimento. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALMEIDA, Maurício B., **Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica.** Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/metodologia.pdf>> Acesso em: 03 de maio de 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia?** Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>> Publicado em: 19 set. 2019. Acesso em: 19 nov. 2019.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências Humanas e complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência.** Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BRAGGIO, M. A. **A questão da dislexia em sala de aula.** In: PINTO, Maria Alice (org.). Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

CAMPOS, T, et. al. **O papel do professor no letramento dos disléxicos.** Revista formação docente, Belo horizonte-jul/dez. Disponivel em:<<https://www.metodista.br/revista/revistasizabel/index.php/fdc/article/dowloand/297/304>>.Publicado em: 2012. Acesso em: 25 set. 2019.

CARREIRA, Fátima Kleidir do Nascimento. **Reflexões sobre dislexia e o papel do professor.** Universidade Federal Fluminense – Instituto de Educação de Angra dos Reis – Departamento de Educação – Curso de Pedagogia. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2014/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20dislexia%20e%20o%20papel%20do%20professor.pdf>> Publicado em: 2016. Acesso em: 25 set. 2019.

CIASCA, Sylvia Maria. (org). **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar.** Casa do Psicólogo, São Paulo, 2003.

CONQUISTA, Eliana Volpiani. **DISLEXIA: NÃO PRECISA SER BOM EM TUDO!** São Paulo. Edição do Autor, 2018.

DIASCÂNIO, José Maurício [et al.]. **Coletânea acadêmica em saúde e educação.** Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

FISCHER, Steven Roger. História da leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FONSECA, Victor da (1999) - Alguns Fundamentos psiconeurológicos e psicomotores da Dislexia - Lisboa, Ludens.

LIMA, Wilma Schmidt. **Coletânea De Textos Para Estudo e Reflexão em Educação.** Clube de Autores, Joinville, 2017.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MASSI, Giselle. A dislexia em questão. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

MENEZES, R de P. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica.** Porto Alegre. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação. PUCRS, 2007.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. O professor e a dislexia. São Paulo: Cortez, 2017.

PINTO, Cláudia Patrícia Marques. **DISLEXIA – A união faz a força.** Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21505/1/TESE_FINAL_12%20de%20outubro.pdf> Publicado em: out. 2015. Acesso em: 25 de set. 2019.

_____, Ricardo Franco de; et.al. **ASSOCIAÇÃO DA DISLEXIA DO DESENVOLVIMENTO COM COMORBIDADE EMOCIONAL: UM ESTUDO DE CASO.** Rev. CEFAC. 2011 Jul-Ago; 13(4):756-762. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n4/88-09.pdf>> Publicado em: 2011. Acesso em: 25 set. 2019.

RICHART, Marley Barbosa. BOZZO, Fátima Frigatto. **DETECÇÃO DOS SINTOMAS DA DISLEXIA E CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS NO ASPECTO ENSINO APRENDIZAGEM PARA ALUNOS DO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Disponível em:

<<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC36785086850.pdf>>
Publicado em: 2009. Acesso em: 19 nov. 2019

RUBINO, Rejane. **Sobre o conceito de dislexia e seus efeitos no discurso social.** Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282008000100007>
Publicado em: jun. 2008. Acesso em: 25 set. 2019.

SMITH, Deborah Deutsch. **Introdução à Educação Especial – Ensinar em tempos de inclusão.** ARTMED EDITORA S. A., Porto Alegre, 2008.

TELES, P. **Dislexia: Método Fonomímico** – Abecedário e Silabário. Lisboa: Datema, 2009.

TENORIO, Goretti; PINHEIRO, Cloé. **O que é dislexia: causa, sintomas, diagnóstico e tratamento.** Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-dislexia-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>> Publicado em: agosto de 2018. Acesso em: 25 set. 2019.

VICENTE, Martins. **A dislexia em sala de aula.** In: PINTO, Maria Alice (org.). Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

Apêndice

Pergunta: O que você entende por dislexia?

Resposta: A Dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletação. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Pergunta: Você já trabalhou com um aluno disléxico, antes de ter contato com ele, você já conhecia sobre a dislexia e seus sintomas?

Resposta: Sim! Tive um prévio conhecimento, pois fiz minha especialização em Educação Especial (Deficiência Intelectual e Múltiplas) e trabalhei por 8 anos na APAE, contudo é importante ressaltar que só conseguimos entender melhor um aluno com Dislexia quando vivemos a experiência de convivermos com um.

Pergunta: Como você vê o aluno com dislexia em relação a alfabetização?

Resposta: Normalmente, no período da alfabetização o aluno mostra-se disperso, pouca atenção, tem dificuldades de aprender rimas e canções, não tem interesse por livros impressos, nem jogo de quebra-cabeça é desorganizado, tem dificuldade em copiar da lousa e escrever no caderno.

Pergunta: Você encontrou alguma dificuldade para trabalhar com esse aluno? Em caso afirmativo, quais foram? Quais as intervenções pedagógicas você utilizou para trabalhar com esse aluno em sala de aula?

Resposta: As dificuldades são muitas e variam de aluno para aluno, porém nesse momento a parceria escola e família são fundamentais para uma aprendizagem favorável. Além das diversas estratégias que devemos criar, como atendimento individual e específico, apoio na leitura e interpretação, utilização de fontes maiores em suas atividades, entre outras.

Pergunta: Como você enxerga a inclusão desse aluno na escola? Como é pra você o papel do professor na ajuda para identificar os sintomas da dislexia?

Reposta: Enfim, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Os conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia abandonam à escola, os que conseguem resistir a ela e terminar os estudos o fazem, astuciosa e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas. Portanto, o professor deve cuidar da autoestima desse aluno, valorizando o máximo suas habilidades devem estruturar sua maneira de ensinar e principalmente avaliar.